

(RE)PENSANDO A GEOGRAFIA: que fizemos, a que fazemos e os caminhos para as Geografias Necessárias¹

Bruno Serafim dos Reis¹

Mestrando na Universidade Federal de
Uberlândia (LAGEA-UFU)
E-mail: bruno.serafim.bs@gmail.com

Gilmar Alves de Avelar²

Professor Doutor na Universidade Federal de Catalão (GeTEM- UFCAT)
E-mail: g.avelar@uol.com.br

Ruy Moreira:

Boa noite, boa noite a todos, boa noite a todas. Não é a mesma coisa que estar aí, mas vamos fazer que sim. Eu quero agradecer ao convite, Catalão (GO) já é uma das minhas casas, mas vocês vão me permitir fazer o agradecimento na pessoa do meu irmão Gilmar, que foi o intermediador do meu contato.

O tema foi sugerido por vocês mesmos/mesmas e ele pede que a gente faça um passeio pelo tempo. “(Re)pensando a Geografia: que fizemos, a que fazemos e os caminhos para as Geografias Necessárias”. Um tema desses sempre pede que a gente tome um ponto de referência, esse “ir para trás” e “ir para frente” ele, de hábito, começa a partir de um certo momento para cá, esse marco de tempo é a década de 1970, quando a Geografia passa por uma grande transformação no mundo inteiro e o Brasil acompanha essa mudança, mais do que acompanhar, talvez pela primeira vez na história da geografia brasileira e do mundo, a Geografia não corre atrás, ela é uma das protagonistas dessa mudança, os geógrafos brasileiros viraram uma referência mundial justamente a partir desse momento da década de 1970.

De ano em ano os geógrafos, de toda a América Latina, se reúnem em rodizio pelos países, de hábito os presentes, de 50% a 70% somos nós brasileiros, que mostram a forte presença da geografia brasileira, na geografia latino-americana e isso não é só no continente é no mundo inteiro. Então se tornou frequente os colegas de vários países da América Latina, e

¹ Transcrição da palestra do Prof. Dr. Ruy Moreira (UFF), realizada em 11 de outubro de 2020, durante o 1º Ciclo de Palestras do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Catalão (IGEO – UFCAT).

de outros continentes frequentes, como a Alemanha, por exemplo, virem aqui fazer Mestrado e Doutorado conosco, Pós-Doutorado. Então a Geografia brasileira está bem relacionada com o contexto mundial e isso se deve ao que aconteceu na década de 1970.

Vou fazer uma recapitulação muito rápida do *antes*, levar um pouquinho mais de tempo no *durante* (a década de 1970 até 1990), entrando um pouco pelo século XXI e depois vamos conversar sobre as tendências do que os colegas que fizeram propostas chamam de *Geografias Necessárias*, no plural.

Até a década de 1970 a Geografia Humana era uma geografia integrada, era uma Geografia do homem-meio. Os clássicos da Geografia eram, de modo geral, clássicos da Geografia Humana, na França: Vidal de La Blache, Jean Brunhes e Élisée Reclus, na Alemanha Friedrich Ratzel, nos Estados Unidos Carl Sauer e Richard Hartshorne, eram geógrafos humanos, mas diferentes do que os geógrafos humanos são hoje, porque eles tinham conhecimento sobre a Geografia Física muito ampla, muito profunda e eram muito capazes de articularem com as coisas humanas, era uma Geografia Humana centrada na relação homem-natureza, homem-meio, como então se chamava.

A Geografia Física, diferente dessa Geografia Humana, era muito fragmentada, ela já se organizava um pouco sobre a influência que lhe fora dado por Emmanuel de Martonne na França, o criador da Geomorfologia francesa. No livro famoso dele *Tratado de Geografia Física*, ele faz uma sequência de capítulos nos quais ele estabelece um tratamento inseparado da Climatologia e da Geomorfologia, são dois longos capítulos pegando o livro inteiro de quase quatrocentas páginas, uma rápida introdução acerca do que é Geografia e no segundo volume, também grosso, que ele, quase que completamente, dedica a Biogeografia. Então isso cria uma tradição de ver-se a Climatologia, a Geomorfologia, a Biogeografia, depois acrescenta-se a Oceanografia, a Hidrologia em capítulos separados. Isso transporta-se para os livros didáticos de Geografia e todos nós sabemos disso; começam com os capítulos sobre geografia física, de modo geral, e sempre dessa forma sequenciada, as vezes começando como de Martonne pela Climatologia, as vezes começando pela Geomorfologia e nem sempre incluindo a Biogeografia, isso é uma peculiaridade do *Tratado de Geografia Física* do de Martonne que, de um modo geral, os livros de geografia não seguiram, nem mesmo os didáticos franceses, o que é lamentável, o que é uma pena, mas de qualquer maneira, antes da década de 1970, a Geografia se organizava nestes termos.

A Geografia Humana era uma Geografia integrada do homem-meio e a Geografia Física uma sequência de ciências setoriais (Geografias Setoriais). Há um intermezzo um

pouco antes da década de 1970, nesse período de uma Geografia Humana integrada e uma Geografia Física fragmentada que chamou-se de a Geografia Teórica e Quantitativa, foi abandonada. Nos Estados Unidos levou uns dez anos, na Inglaterra também, a França não acompanhou a Geografia Quantitativa, no Brasil levou um pouco mais de dez anos e quando a Geografia abandona essa fase quantitativa, ela fica meio perdida e é quando no mundo inteiro busca-se a alternativa na geografia quantitativa e era de se esperar-se que alguma coisa significasse a recuperação, um retorno ao antes da geografia quantitativa para dar-se a retomada a partir daí. Ela não fez isso e em cada canto do mundo ela seguiu uma trajetória diferente. No Brasil, no qual, por conta do IBGE, por exemplo, uma Geografia Aplicada, da USP, da UFRJ, a Geografia universitária estava muito bem organizada com base nessa peculiaridade diante dessa Geografia Quantitativa e, de uma certa maneira, a década de 1970 foi uma retomada do passado. Não foi assim, por exemplo nos Estados Unidos, não foi assim na Inglaterra. A Inglaterra que parte, durante a década de 1970, 1980 para a Geografia Cultural. Os Estados Unidos fica buscando alguma coisa, uma alternativa, leva-se um tempo por lá para que se encontre um caminho, na Alemanha não chegou a haver um segmento da Geografia Quantitativa, então não houve uma interrupção na sequência de tempo e aqui no Brasil, por conta do que aconteceu entre nós, busca-se resgatar um período anterior, mas como uma nova forma de organização e busca-se recuperar a Geografia Humana, mas sem um problema que lhe era peculiar. Aliás, recupera-se essa Geografia, mas tentando se superar, visto que era peculiar dessa geografia inteira, que era a ausência da Geografia e dos geógrafos, por conseguinte das universidades, dos departamentos, dos cursos de Geografia. A própria AGB, as instituições de Geografia do ambiente social mais constante. A geografia tinha um forte comprometimento acadêmico, nas universidades e estatal no IBGE, a nossa busca foi no sentido de isso ser mantido, mas o esforço enorme, tanto da geografia acadêmica, quanto do IBGE buscar a sociedade e colocar-se a serviço dela.

O IBGE é um órgão do Estado, serviria então fazer uma Geografia demandada pelo Estado porque faz parte da administração do Estado o uso do conhecimento geográfico desde 1930 na evolução brasileira. É por isso que um geógrafo francês que esteve no Brasil, trabalhando na UFRJ, um geomorfólogo, chamado Francis Ruellan nas instâncias do IBGE, porque sempre ele ia lá, dar cursos, oferecer palestras, orientar pesquisas e a respeito da história do IBGE, lamentável frequentemente dizer por aí não ter uma instituição análoga na França, que era uma coisa quase que nossa, nacional brasileira, uma criação do Governo Vargas ligado a uma Geografia Aplicada ligada ao Estado. Então demandava que

continuássemos a ver, mas que de preferência o IBGE começasse a caminhar num sentido de um diálogo não apenas com o Estado, mas também com a sociedade. Mas a geografia acadêmica deveria buscar um diálogo com a sociedade e é por isso que quem se torna a grande protagonista nesse momento é a AGB que tinha mais facilidade de fazer isso, de realizar um trabalho em conjunto vínculo com a sociedade, é por isso que junto com essa renovação, em 1979, que é de conhecimento de todos, fizemos uma reforma no Estatuto da AGB, justamente para que, com um Estatuto novo, de perfil social, a Geografia se tornasse uma entidade ligada ao movimento social, nosso intuito, com essa reforma, era tornar a AGB uma entidade de representação acadêmica, profissional, científica reunido com as entidades congêneres num fórum da sociedade civil brasileira, aonde ela, a sociedade civil, se reunia para discutir os seus problemas junto com as associações de moradores de bairro, junto com sindicatos de trabalhadores, junto com organismos de trabalhadores das empresas estatais, como a PETROBRÁS, a Vale do Rio Doce, que sempre tiveram uma organização bastante atuante interna e externamente a essas entidades, empresas estatais brasileiras: Banco do Brasil, BNDS. Então, eram esses organismos, com essas multiplicidades de representações de todos os campos e setores então, da sociedade brasileira que se reuniam nesse fórum, um fórum, então, da sociedade civil. Então a AGB começou a ser também logo participante deste fórum, por isso a Geografia passa então a ter esse diálogo muito mais amplificado, até então o diálogo era muito para dentro das universidades e o IBGE pra fora, mas não tanto para fora, no sentido de diálogo com o Estado, mas, digo eu, não tanto para fora porque o IBGE sempre foi um órgão do Estado, nada contra, é uma peculiaridade do IBGE.

Isso é uma peculiaridade da retomada no Brasil, da tradição da Geografia Humana e da Geografia Física, porque agora ela passa a ter uma certa competência, do ponto de vista do seu conteúdo e do ponto de vista da forma através da qual se fazia a leitura do mundo. Lia-se a sociedade brasileira partindo da sociedade, querendo explicar a sociedade, a mesma coisa então era para acontecer com o mundo, o olhar para o mundo a partir de seus grandes problemas sociais, políticos, econômicos, culturais e, daqui há pouco, ambientais. Demora um pouco para os problemas ambientais chegarem a este momento na renovação da geografia brasileira e essa é uma característica que acompanha a geografia passada tanto tempo até os dias de hoje. Embora a universidade tenha, por força da influência da AGB, mudado seu comportamento, ela foi mudando, esse comportamento novo no sentido de voltar um pouco o seu diálogo para dentro, no sentido acadêmico, quase que exclusivamente não era mais possível até mesmo para essa geografia acadêmica desconhecer que essa geografia é uma

ciência relacionada com a sociedade, porquê praticada dentro dessa sociedade minimamente teria que tomá-la como assunto seu como pesquisa, conhecimento, debate e divulgação. Isso chega as escolas, sobretudo as escolas do ensino fundamental e ensino médio, até porque, entre os grandes frequentadores da AGB estavam os grandes universitários daquela época, daqui há pouco os professores dessas escolas e que levavam lá para as escolas esse clima de preocupação social da geografia com a realidade brasileira e, por conseguinte, seus desenvolvimentos.

Eu sempre viajo muito pelo Brasil, a convite dos variados colegas de vários ambientes da geografia, como agora em Catalão, com vocês via Catalão e com todos que estão em vários cantos do Brasil participando/acompanhando via internet. E era frequente eu ir fazer palestra num sindicato de trabalhadores, de diferentes categorias, porque na diretoria desses sindicatos estavam colegas da Geografia. Então nasce o IBGE, colegas da geografia, estavam na cabeça dos sindicatos, o IBGE é uma espécie de sindicato dos funcionários do IBGE, era frequente estar lá com os colegas todos nos sindicatos de professores, era frequentíssimo estar junto com os professores.

Num desses sindicatos, que me lembro bem, isso faz tempo, mas naquele contexto de época que aconteceu e, isso se, repetiu diversas vezes muitos anos seguidos, passado a década de 1970, as várias etapas das décadas seguintes eu fui no sindicato dos professores de salvador e fiquei... (pausa) ...lá surpreendido que cerca de 60% a 70% da diretoria do sindicato eram de colegas professores da geografia e essa é uma peculiaridade do Brasil da década de 1970, ela recupera a geografia de antes incluindo alguma coisa nela, politizando assim, no bom sentido do termo, o conteúdo, a leitura, as intervenções, os comprometimentos. E por conta disso buscou-se tirar a geografia daquela aparente neutralidade que ela se encontrava, o que nos levou a incluir nesse debate, além da questão política, a questão ideológica, também porque a geografia se justificava e se legitimava nessa ausência de envolvimento com os problemas da sociedade, no dizer dela, que era uma ciência neutra, que era muito típico do fundamento filosófico que inspirava o discurso e leitura de mundo daquele tempo que é o Positivismo.

O Positivismo acha que a ciência é neutra, que ela não tem que se envolver em questões fora dela. O Positivismo tem essa coisa de *fora* e *dentro* na ciência, o que é fora da ciência não é assunto da ciência, só é assunto da ciência é o que é de dentro, o que é difícil de compreender isso. A ciência não está fora da sociedade, o cientista não está fora da sociedade, muito menos a Geografia e o geógrafo, então não existe essa ficção de *esse de dentro* e *esse*

de fora do pensamento positivista de compreensão da ciência. Mas de toda maneira havia essa ideia, essa justificava, e então abrimos um grande debate dessa questão política por causa desse debate de questão política do problema da neutralidade da geografia.

A literatura mundial nos ajuda muito nisso, nessa época recém publicado na França um livro do Yves Lacoste, uma grande referência dessas leituras novas todas que passavam a ser feitas, muitas ideias, muitas formulações novas que a geografia ganha, esse formato que estou resumindo vêm do livro dele, *A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, vêm dos debates que ele abre na França e de uma certa maneira se torna uma referência no mundo inteiro, porque a geografia brasileira sempre foi francesa, por assim dizer, *A Geografia isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra*, apesar do título é um enorme livro, um livro fantástico de discussão teórica, metodológica e epistemológica. Ele, Yves Lacoste, então condena essa peculiaridade, essa peculiaridade da maneira da geografia disfarçar seu comprometimento senão é com a sociedade é com alguma coisa que não é, é contra.

No caso do IBGE, o Estado, estávamos saindo da Ditadura, na verdade estávamos no meio, só iríamos sair dela em 1985, estávamos na década de 1970 e era uma forma dos colegas do IBGE, no costume de proteção, no contexto de Ditadura tão feroz como nós tínhamos aqui no Brasil de considerar ‘a ciência é neutra’, então não vamos querer esse envolvimento e Lacoste mostra que não existe neutralidade, a geografia estava no IBGE a serviço do Estado então, no mínimo os colegas do IBGE deveriam abrir para debate a respeito de que estado ao qual o IBGE estava seguindo e colocá-lo a geografia a serviço. Mas é claro que os colegas do IBGE faziam isso devido a seriedade. É claro também que têm toda a preocupação com o contexto do tempo. Então, resumindo a geografia antes de 1970 e é isso que passa a existir após 1970.

Como ela carrega consigo um viés crítico, ela foi batizada de Geografia Crítica. Muitos de nós preferíamos falar de uma atitude crítica ao invés de uma geografia crítica. A palavra em si não é um problema, um campo científico, mas isso é uma espécie de resistência da neutralidade, uma geografia crítica, porque por trás da expressão *Geografia Crítica* cria-se uma nova escola de geografia. É claro que com um componente crítico, mas o que se queria era uma militância crítica, uma participação crítica da geografia e dos geógrafos. É por isso que junto a geografia crítica existe uma pluralidade de expressões: Geografia Radical nos Estados Unidos, Ariovaldo preferia chamar de Geografia Libertária na década de 1970 entre nós, eu, Ruy Moreira, a chamava de Geografia Marginal, me referindo a uma geografia a qual

nós deveríamos caminhar, não que ela não existisse na história do pensamento geográfico, Reclus nos mostrava isso. Nós queríamos que ela saísse da continuidade que havia sido forçada a ficar, era o caso do Reclus e vir para a luz do sol. Mas trazendo para a luz do sol para que ela passasse a ter a sua presença forte no debate, junto com os outros temas, porque não era nosso propósito eliminar as correntes de geografia anteriores, quem quisesse continuar sendo positivista que o fizesse, o que queríamos era um debate. Então uma atitude crítica e não uma geografia crítica, na medida que você designava um campo pelo nome você já matava metade da possibilidade das confrontações, mas uma atitude crítica, então isso aí, qualquer pessoa poderia se colocar, se posicionar, seja um colega de geografia positivista para fazer um debate, do porquê, dá sustentação desse positivismo, qual é o problema?

Estava aberto ao debate, quem seguisse uma orientação weberiana, que o fizesse, quem seguisse uma orientação neoautonomista, que o fizesse, quem seguisse uma orientação anarquista, que o fizesse, quem seguisse uma orientação marxista, que o fizesse. O que nós queríamos, e era isto e para isto e por isso se voltava a AGB, era isso, que queríamos para a AGB, se voltar, que pelo menos nos fóruns da AGB, nas mesas e nos encontros nacionais e nas seções locais essas posições todas fossem colocadas na mesa e nós abrissemos o debate em busca de um avanço interessante, de uma geografia fortalecida, porque só fortalecida ela poderia fortalecer o movimento social de uma sociedade que estava dentro da Ditadura e precisava sair e superar este momento. Então buscamos uma refundação da geografia, aprofundando um pouco mais da década de 1970, já sabendo o que era antes, sem abandonar o que era antes, mas querendo jogar mais para frente.

Refundar o que havia antes, mas refundar com o compromisso social: a Geografia Humana. Já praticamente liberada no período do quantitativismo, qual era o problema da Geografia Quantitativa? É que ela era uma geografia formalista, ela estava preocupada com desenhos de geometrias do espaço, não se preocupava com o conteúdo. Então, por exemplo, a ramificação de um meio de transporte ia pro papel e pro texto como uma descrição de linhas, as cidades eram pontos, as rodovias, as ferrovias, as hidrovias eram linhas. Então você tinha um mapa de linhas e pontos, e você tinha o planejamento voltado para fazer com que houvesse uma maior eficiência de custos dessas linhas e a distribuição desses pontos e dessas linhas nessa arrumação da cidade, desse sistema de população, do comércio e para que o comércio redundasse numa lucratividade mais elevada numa baixa de custos sempre crescente. Não é que nós negássemos a importância disto, mas não se discutia a natureza social deste conteúdo justamente.

A cidade e o que ela era no seu conteúdo social histórico, os meios de transporte; se tudo estava voltado para o comércio, o comércio trazia o que como resultado? Lucro, mas lucro pra quem? Lucro para ser distribuído igualmente para a sociedade inteira? Já que tudo vinha do trabalho social de toda a sociedade ou era lucro para meia dúzia e sobretudo como um país como o nosso onde é tudo monopolizado, carterizado. Então, para grandes grupos mercantis, grandes grupos financeiros, grandes grupos de banqueiros e assim sucessivamente, queríamos que esse debate acontecesse. Então, a Geografia Quantitativa estava se dissolvendo por conta disso, ela havia abandonado completamente o conteúdo e a crítica foi muito forte em cima dela porque havia mais de dez anos. Então quando você deixa de debater por mais de dez anos o conteúdo num campo científico e discute forma, forma, forma geométrica as pessoas acabam desaprendendo em debater o contexto social, desaprendendo a compreender, a produzir um conteúdo social.

Do ponto de vista teórico, do ponto de vista metodológico, abandona-se o Trabalho de Campo, a Geografia, que sempre tivera uma tradição do Trabalho de Campo, a respeitabilidade entre os pares das outras ciências por conta disso, o que os geógrafos diziam que vinham do empírico, do contato direto do empírico. Os colegas da sociologia não tinham a trajetória nessa escala, toda geografia era assim. Não era toda a Sociologia, não era toda a História, não era toda a Antropologia, embora a Antropologia sempre foi uma ciência de campo, sempre tivera uma tradição do Trabalho de Campo e tudo isso se desaprende, e vêm uma crítica forte ao quantitativismo, mas deseja-se que nessa mesa ao lado, de positivistas e neoautonomistas e marxistas e anarquistas, do ponto de vista do fundamento filosófico, socialista, dos social democratas, dos liberais e seus posicionamentos sociais houvesse também aqueles que querem defender a Ditadura.

Numa mesa redonda da AGB, defendendo a Geografia Quantitativa e o serviço de tudo isso em prol do Estado. O Lacoste já havia feito uma denúncia antes, da ligação da Geografia Quantitativa com a Guerra do Vietnã, então estávamos ávidos por este debate com os colegas que quisessem defender, mas a geografia quantitativa some rapidamente. Então nos quisemos refundar a geografia anterior incluindo nela essas peculiaridades todas, mas juntos nessa refundação, refundando pelo compromisso social da Geografia Humana pós formalismo quantitativo, queríamos a incorporação da Geografia Física, refundar a Geografia Humana, mantendo aquela geografia humana de relação homem-meio, aprofundando dentro da geografia humana a relação dela com a geografia física. Chamamos colegas da Geografia Física para um debate, houve muitas vezes exacerbações, houve muitas críticas inadequadas.

Eu, por exemplo, fui muito infeliz em algumas críticas que fiz dessa ausência da Geografia Física no nosso debate, e isso criou um clima bastante complicado. Eu imagino que ainda hoje têm muitos colegas da Geografia Física que me veem, me vejam, como um inimigo da Geografia Física, por exemplo, coisa boba. Porque o que nós queríamos não era absolutamente nada disso, é claro que os colegas da Geografia Física buscando se envolver num debate aproveitaram essa deixa para fazer esse clima todo, mas hoje nós temos uma Geografia Física que cresce, por ver que a Natureza não está fora do mundo, não está fora da relação do homem com o mundo. Aliás a relação do homem com a Natureza é fundamental para a própria existência humana. A Natureza não é um assunto indiferente ao interesse humano, por conseguinte a Geografia Física não pode ser indiferente ao interesse humano sobre ela e dela, no tocante ao humano, por isso nós temos muitos colegas da Geografia Física hoje que são grandes mestres dentro da geografia física, trazendo um debate profundo e para além do viés ambiental, porque daqui há pouco vêm a questão ambiental e isso acaba obrigando os colegas da Geografia Física a, de certo modo, introduzirem a questão social na leitura do seu debate.

É o caso, por exemplo, que citei um pouco para trás da nossa colega Dirce Surtegaray, que é uma colega da Geografia Física, que você ouvindo você fica fascinado pela capacidade que a Dirce tem, de falando sobre a desertificação do Pampa, por exemplo, de mostrar o social presente, mas não apenas mostrando o social do ponto de vista formal, mas presente do ponto de vista do conteúdo, do ponto de vista das origens, das determinações. É o caso também do Luís Carlos Vitte, do João em Presidente Prudente... não sei se os colegas estão me ouvindo, mas fiquei citando aqui há um bom tempo um número de colegas da Geografia Física, eu citei três da Geomorfologia, mas poderia citar colegas da Geografia Física, o caso do Carlos e do João e do Chico, o Charlei, colegas de Chico na Federal do Paraná, o Charlei da Federal da Grande Dourados, João de Presidente Prudente.

João era geomorfólogo, parece que agora ele está em Presidente Prudente, viera de Uberlândia, agora está na Estadual da UNESP de Presidente Prudente, mas já havia uma alternativa para isso que nós queríamos na época abrir o debate. Nós não fomos muito competentes na época, vou reconhecer, na chamada dos colegas da Geografia Física para este debate de incorporação da GF para refundação da geografia. Para além da refundação da GH, com o intuito de resolver aquele problema de antes, já que estávamos recuperando o anterior e o anterior era, como eu disse, uma Geografia Integrada, mas uma GF fragmentada, mas o que nós queríamos era debater essa fragmentação da GF e encontrar uma forma de superar essa

fragmentação da GF e já havia uma alternativa entre os geógrafos físicos neste sentido que era exatamente a visão geomorfológica do Jean Tricart, que havia vindo ao Brasil na década de 1970 e que fez uma palestra no IBGE, que foi gravada, transcrita e transformada num livro, com a revisão do Tricart *Ecodinâmica* palestra no qual ele dizia que a Ecologia estava carecendo de um aprendizado com os colegas da GF que tinha um viés muito biológico, mas os colegas da GF tinham muito a aprender com a Ecologia, porque seria por onde poderia-se ver as conexões com a Geomorfologia, a Climatologia, com a Geologia e assim sucessivamente com a Geografia Agrária, com a Geografia Urbana, de modo que, um geógrafo formado em Geomorfologia e que tivesse realizando uma pesquisa de um acidente qualquer, uma catástrofe ambiental, como por exemplo no Rio de Janeiro, pegando como exemplo nos períodos chuvosos, estamos indo para este período chuvoso, de Carnaval, onde sempre existe os desmoronamentos de encostas.

Então sempre os geomorfólogos intervêm e que esse geomorfólogo então tivesse em conta e bem na medida de que ele não estava lidando com a geomorfologia do ambiente urbano e era possível que qualquer explicação geomorfológica sobre o que estava acontecendo não fosse algo combinado com a especulação imobiliária, algo combinado com a maneira da topografia, a cidade distribuía a sua organização espacial, de trocas mercantis entre os vários pedaços e assim sucessivamente.

O comércio do Rio de Janeiro é quebrado em vários pedaços territoriais, justamente por causa disso, e não há uma unidade, porque o relevo dificulta o sistema de circulação, para quem conhece o Rio de Janeiro é um sítio onde se têm pequenos pedaços planos, separados por três maciços arqueozoicos e proterozoicos, então fortemente rebaixados, abalados, mas resistentes. Diante de um clima tropical de intemperismo químico muito forte e mata devastada, a ocupação urbana subindo as encostas, então as chuvas transformam o problema geomorfológico em problema social, porque o problema social transformou a geomorfologia numa ciência social e o problema geomorfológico num problema social.

Queríamos esse tipo de debate e o Jean Tricart dizia que já podíamos ir para muito além disso, porque ele via a geomorfologia, a hidrologia, a climatologia coparticipando do circuito metabólico do movimento de transformação sucessiva do abiótico no biótico, do biótico no abiótico através de uma combinação da cadeia da fotossíntese e da cadeia atrófica em que, por conta da fotossíntese o abiótico da planta é transformado em proteínas, gorduras e etc., e depois os animais vão lá e a utilizam como sua nutrição, e herbívoros e a partir destes, os carnívoros e os onívoros, que somos nós, então existe um circuito que, o que era rocha num

dado momento se torna nos componentes minerais do organismo do homem, dos animais, do gato, do cachorro, do leão, do macaco, do rinoceronte, da girafa. Então, não havia como querer entender essa vida dissociada da rocha, mas não havia sentido em estudar a rocha apenas como coisa que não houvesse o mínimo de participação desse movimento metabólico porque é o que dá razão para existir nossa ciência: a Pedologia e uma outra que é a Edafologia.

A Edafologia já é esse combinado, realizado pela fotossíntese, onde a planta interage com o solo que antes interagiu com o subsolo numa interação de Biogeografia-Geomorfologia, a água da chuva fica retida no solo, estou falando da Hidrologia, mas também dos ciclos das águas que levam a formação das grandes bacias hidrográficas, então também falo dos rios e da Geologia. Pois bem, Jean Tricart, dizendo que todos esses pedaços são em si pedaços do ponto de vista dos seus acontecimentos, são as leis da pedologia que regem o solo e não as leis da biogeografia, e são as leis da biogeografia que regem o fator biogeográfico e não a pedologia, mas dentro do agir legal da lei da biogeografia está a incorporação da lei do solo através do que a planta absorveu do solo para reproduzir suas células, seus tecidos e para produzir todos os alimentos para os animais.

Era isso o que Jean Tricart dizia lá naquela palestra da década de 1970, que virou livro, livro este que o IBGE publicou, todos nós tínhamos conhecimento dele. Já no meu tempo tinha conhecimento dele como professor de escola, recém saído da universidade em meados de 1970, essa palestra iria virar livro entre dois a três anos depois e meu conhecimento do Jean Tricart, e de meus outros colegas já faziam parte, junto dos colegas da geografia física, com o intuito de incorporar essa geografia a esse momento de refundação da geografia, mas nós queríamos algo muito além, além desse viés metabólico de troca metabólica do Jean Tricart, porque na troca metabólica não havia a participação apenas de fenômenos naturais, plantas rochas, solos, de águas, de animais, cavalos, rinocerontes, de girafas, de cavalos, de cachorros e de animais domésticos e silvestres e de que nós, seres humanos, fizéssemos parte, já que nós, porque fazíamos parte disso também através do trabalho. Porque o próprio homem faz parte da cadeia trófica e ele, busca participar dela conscientemente, porém olhando a Natureza como possibilidade, desde a partir do movimento da fotossíntese para que ele pudesse reorientar a passagem da fotossíntese para a cadeia trófica e aí então a relação homem-natureza aparecendo; e era por aí, então, que atuava a geografia humana anterior, era por aí que nós imaginávamos uma leitura crítica que a GH fosse refundada agora, e sem a presença da geografia física seria impossível pensar nessa

refundação e aí o convite aos colegas da geografia física: participem porque sem isso nem mesmo nós conseguimos avançar numa proposta de refundação da GH, vocês não avançam e nós não avançamos e fica aí tudo meio parado.

Nós já tínhamos uma leitura de Ecologia Espacial, a Ecologia Política lida com termos da Natureza e precisávamos começar a fazer uma leitura política da natureza no espaço, uma Ecologia Política do espaço casada com uma Ecologia Política do Espaço, porque o grande debate, nesse momento, é da geografia sendo uma ciência voltada da relação da sociedade com o espaço. Espaço e sociedade, aquela formulação de Henri Lefebvre e que Milton Santos havia trago lá do campo da Filosofia, onde havia deixado Lefebvre era o campo da geografia, por isso Milton Santos foi tão importante nesse momento de reformulação do pensamento geográfico, porque ele teve essa capacidade de pegar algo que estava lá, no campo da Filosofia, onde um filósofo tinha criado e trazer para a geografia e dar um caráter e formato geográfico, a um discurso que o Lefebvre estava levando para a Filosofia com a Sociologia. Mas o Milton Santos vai buscar lá, sobretudo na Filosofia de Lefebvre, geografiza e então abre-se um debate.

Lefebvre era marxista, então a Economia Política do Espaço. A Economia Política é um discurso da teoria econômica marxista e muitos da Ecologia Política já vinham através de um viés marxista e da Economia Política, então nós queríamos fazer essas combinações todas para que pudéssemos avançar no sentido de todos os seguimentos da geografia terem aquele envolvimento social que a gente estava desejando e que, como acabei de dizer, a Geografia Humana avança rapidamente, já a Geografia Física leva mais tempo. Nos dias de hoje, de modo geral, é enorme o número de colegas não apenas da Geografia Humana, não citei porque não era necessário, mas da Geografia Física eu citei por conta desse fantasma do passado que está um pouco em cima do nosso presente nos dias de hoje. Há uma reciprocidade em relação da sociedade com o espaço, a Natureza está aí dentro porque a Economia Política do Espaço no fundo vai organizar economicamente a relação homem-natureza, a qual estou chamando de Ecologia Política do Espaço e aí achávamos que podíamos avançar, mas não foi tão fácil assim porque acabamos, muitos de nós marxistas, estou me colocando dentro desta trajetória, indo mais a um debate do marxismo do que da Geografia. A Geografia foi a última área acadêmica e científica a descobrir o marxismo, só a descobre na década de 1970, com a ajuda de Lacoste, Harvey, Milton Santos e por aí, e nós que éramos marxistas começamos a ler esses caras todos e não tínhamos em nossa cabeça essa equação de combinar Geografia + Marxismo, estávamos começando a aprender a fazer isso,

todos nós; O Milton Santos, o David Harvey, o Yves Lacoste, todos nós estávamos, no Brasil e no mundo inteiro, querendo fazer esse casamento e já faziam parte dessa trajetória, no passado a Geografia Humana e Geografia Física anterior.

Na Geografia Física o Jean Tricart, como acabei de dizer, marxista o Jean Tricart e Pierre George, este último geógrafo humano, urbano e marxista ou com a forte cultura do materialismo histórico e materialismo dialético, mas não era o salto que estávamos dando agora que eles haviam dado antes, porque Jean Tricart havia integralizado todas as áreas, todos os setores da Geografia Física e carregado, a partir da Biogeografia, o sentido social, mas ele não havia conseguido entender isso, porque faltou a ela a percepção que nós é que passamos a ter neste momento, qual era a entrada do social marxista nessa visão integrada que ele havia criado de Geografia Física, integralizando os vários pedaços nessa visão de uma Ecologia Política do Espaço, que era exatamente o Trabalho. Ele não trabalhava com o tema do Trabalho e nós sim. Embora o George fosse marxista, ele não trabalhava com o Trabalho, a categoria chave da Economia Política Marxista é o trabalho, por conseguinte a Economia Política do Espaço é o trabalho. Levamos tempo para percebermos isso e levamos tempo para realizar este casamento da Geografia com o marxismo e que foi um grande problema.

Por mais de uma década estávamos avançando dentro da década 1980 e já entrando na década de 1990, e não havíamos encontrado esse ponto da equação da relação homem-meio como uma troca metabólica. E de perceber que já na obra *O Capital*, de Karl Marx, já falava disso e dava um nome a isso: chamava exatamente de *trabalho*. A troca metabólica entre homem e natureza, a partir daí nós fizemos a introdução, mas a essa altura já tínhamos um sério problema a resolver, tínhamos conseguido encontrar uma equação, mas agora tínhamos que nos desfazer de um problema que era qual? Bom, tínhamos feito muito mais discurso de marxismo do que de Geografia, isso criou um vício que, ainda nos dias de hoje, nos impregna. Ainda hoje, nos eventos de Geografia, no momento em que olhamos o texto vemos que é mais um discurso de marxismo do que de Geografia. Não conseguimos ainda integralizar o marxismo com a Geografia e a Geografia com o marxismo. Essa é uma dificuldade geral nossa, ao mesmo tempo que vai surgindo a Geografia Cultural, que se fundamenta na Fenomenologia russerliana, e ainda hoje os colegas da Geografia Cultural não conseguiram integralizar Geografia com Fenomenologia, o fazem parcialmente tanto como nós. Isso foi um grande problema, junta-se essas virtudes todas, para não falar apenas de virtudes, da década de 1970 e veio esse problema. Além disso, veio outro problema, este é mais difícil de nos desfazermos, é que ainda hoje fazemos muito mais Filosofia do que

Geografia, de qualquer maneira, a partir de tudo isso, a Geografia experimentou uma mudança fortíssima, a Geografia hoje é uma forma de discurso de sociedade muito forte, e não só ela consegue fazer através do viés do Marxismo, pelo viés do Anarquismo, pelo viés da Fenomenologia, continua a fazer pelo viés do Positivismo, do Neoautonomismo, são várias correntes e isso criou uma diversidade muito forte na Geografia.

Aí nós entramos nos dias de hoje, e a data de hoje trouxe para a Geografia a espécie de um momento novo, um novo repertório da década de 1970, mas com uma peculiaridade própria do período de hoje. Vocês devem estar se perguntando por que marxismo, por que anarquismo? Bom, a década de 1970 era uma década de confrontação política, estávamos na Ditadura lutando contra a Ditadura, daqui há pouco saímos do baú de nossas lutas clandestinas contra o sistema. Já na década de 1990, próximo a entrada do século em que vivemos já não estávamos mais neste momento, mas o mundo havia entrado em outro momento. O que eu quis dizer em relação a isso, para entrar na parte final da minha exposição, é que a Geografia do passado era o que era não era por acaso, era por conta do contexto do tempo passado. Toda ciência espelha-se no seu tempo, a Geografia da década de 1970, 1980, 1990, tornou-se essa e, chegou nos dias de hoje, ainda o é, em certa medida, nos dias de hoje, porque a década de 1970, 1980, 1990 era um contexto novo na realidade da sociedade brasileira e contexto novo significa necessidade de criar uma forma nova para a ciência, o mundo muda a Geografia precisa acompanhar essa mudança. O que está acontecendo hoje é que novamente o mundo está mudando, mudou de novo e a Geografia terá que mudar de novo. Estou entrando na parte final dos colegas que são as *Geografias Necessárias*.

É necessário hoje abriremos um debate sobre a atualidade da Geografia, tudo o que nós criamos na década de 1970, 1980, 1990, carregou a nossa dificuldade, do que eu acabei de falar, e outras que devido ao tempo eu não citei, essa geografia segue existindo hoje e é ela que segue explicando porque existe um encontro de geografia Latino-Americana e mais da metade dos geógrafos participam porque nós somos recebidos no mundo inteiro, porque a América Latina toda vem fazer Mestrado e Doutorado no Brasil, vem aqui buscar a Geografia chamada Crítica, vem aqui buscar essa geografia que fala do movimento indígena, vem aqui buscar essa geografia que fala do movimento étnico, vem aqui buscar essa geografia que fala do gênero. Não apenas fala, mas verbaliza, teoriza, teórica e metodologicamente, formula. Não apenas vocaciona, ela faz formulações, interpretações, análises do conteúdo com consistência teórica e metodológica e esses colegas vem aqui buscar.

Mas hoje o mundo é outro, mas qual a diferença entre o mundo de hoje e o da década de 1970? É que hoje mais da metade da humanidade vivem em cidades e metade dessa metade em grandes concentrações metropolitanas e isso muda o nosso modo espacial de viver, o nosso *ser* e *estar* no mundo, lembrando que estar é espaço. Quando uma mulher sofre de um dado preconceito, uma injustiça, e isso ocorre a todo dia, toda hora a todo minuto e essa mulher reage, porque têm que reagir, outras ouvem, no passado seria difícil. No passado, bem para trás, antes da década de 1970, lá pelos anos 1920, 1930, 1940, no mundo e no Brasil. No Brasil então, porque no Brasil, era predominantemente rural, a espacialidade do mundo rural era mais dispersa, mais afastada, as comunicações mais lentas. Já no mundo fortemente urbanizado, metropolizado, já que mais da metade vivem em cidades e metade dessa metade em grandes concentrações metropolitanas, quando uma pessoa fala alguma coisa, ao lado existe muita gente ouvindo. Quando uma mulher fala, há várias mulheres, então rapidamente ela se dá conta de que o que ela reclamou é o que ela está tendo de problema também e o problema é comum a os problemas, isso as mobiliza de imediato, isso as tornam sujeitos da história num átimo. Se é um negro surge a consciência do negro em escala de uma enorme quantidade de pessoas, surge um movimento do negro, surge um movimento da mulher, surge um movimento do homossexual, isso pluraliza o leque dos sujeitos.

Até a década de 1970, quem estava em condição de se movimentar na luta política era os operários das fábricas, isso porque eram eles que estavam ali aglomerados; um operário falava o outro ouvia e estavam juntos, era fácil realizar uma greve porque a própria concentração territorial propiciava. Já a mulher não tinha essa possibilidade até então, porque ela não tinha essa concentração territorial, passa a ter agora, idem o negro, idem o homossexual. Então aquela Geografia, que era uma geografia de concentração territorial do operário, se torna algo para todos os segmentos sociais da sociedade moderna e por isso, antes, o sujeito era praticamente só operário, quando muito ele chamava o camponês, quando muito, como parceiro; e aí o camponês virava um parceiro, não um sujeito. Hoje a mulher é um sujeito, o negro é sujeito, o homossexual é sujeito, o jovem é sujeito, o velho é sujeito, o índio é sujeito, o camponês é sujeito, a cada dia surge um novo sujeito.

Atualmente sujeito é o quê? Um grupo de pessoas que se percebem como tal, a partir de um ponto de vista, de uma identidade, de problemas comuns e percebem que podem se comunicar com muita rapidez. A rede social possibilita facilmente isso e trocam ideias de militância e rapidamente surgem movimentos de militância. Rapidamente centenas de mulheres vão as ruas realizar suas passeatas, centenas de negros, nos EUA, protestando contra

o assassinato de um negro por um policial. E rapidamente também judeus, mulheres, todos os grupos perseguidos nos EUA se sentem na situação do negro, então militam juntos, são vários sujeitos que acabam se juntando ali. Então há uma transformação no campo científico também dos temas de pesquisa, porque, até então, o tema mulher não era um assunto de pesquisa na Geografia, agora as próprias mulheres geografistas passam a analisar a situação dela e delas, enquanto sujeito da história.

A mulher enquanto sujeito de uma pauta de exigências sociais, enquanto ao Estado, ao patronato, a sociedade, aos homens, as outras raças, chamando a todo mundo para uma Democracia Étnica, para uma Democracia de Gênero e só confrontando essa sociedade com problemas estruturais – o racismo é estrutural, o sexismo é estrutural, a misoginia é estrutural – é que se vai resolver o problema da mulher, do negro e dos oprimidos. É aí que surge uma consciência social distinta, que quer dizer que, há um problema da mulher, que é da mulher, há um problema do negro, que é do negro, há um problema do homossexual, que é do homossexual e independentemente se é rico, se é pobre, se é classe média; mas de um modo distinto se é pobre, classe média ou rico.

A situação, isso que eu quero dizer, de uma mulher é a mesma enquanto uma sociedade machista como a nossa, seja essa mulher pobre, de classe média ou rica, seja essa mulher branca ou negra, seja essa mulher operária ou camponesa ou índia, porque o problema é a sua condição de mulher, mas que é diferente se ela é operária, que é diferente se ela é classe média, diferente se ela é camponesa, diferente se ela é branca ou negra, diferente se ela é rica. Então temos uma pulverização do campo geográfico, dá para perceber que o projeto da década de 1970 deu certo, mas ele não conseguiu evitar um problema: que agora é a fragmentação da Geografia Humana. É paradoxal que justamente quando buscamos refundar, a partir da década de 1970, até chegar os dias de hoje a Geografia Humana, para que ela se mantivesse integralizada, ela ao mesmo tempo ela se integraliza para certos setores e certos campos, mas ela se fragmenta para outros campos e o que tem colaborado para este fator tem sido a multiplicação dos nossos campos de Pós-Graduação. É um assunto que merece uma Live, não é um assunto que debatarei hoje, porque já abusei demasiadamente do tempo, mas como teremos um tempo para o debate fico à disposição de vocês. É um conjunto de considerações que quis fazer a vocês culminando com este finalzinho do título que vocês propõem *Repensando a Geografia: a geografia que fizemos, que fazemos e as Geografias Necessárias* a uma série de avanços, á uma série de problemas, mas tempos uma Geografia que era necessária, mas hoje vivemos a necessidade de outras Geografias, havia necessidade

de haver uma Geografia de Gênero, como é necessário ter, era necessário haver uma Geografia Étnica, como é necessário ter e assim o homossexual, assim como o indígena. Assim também é necessário haver uma Geografia Agrária, uma Geografia Urbana, porque é isso que vai permitir que a Geografia avance, mas avance e consiga fazer aquele avanço que almejamos na década de 1970, mas é preciso que saibamos distinguir duas coisas; i) Geografia e Fragmentação: uma coisa é fragmentação, outra coisa é a especialização; Geografia de Gênero, Geografia Étnica, Geografia Agrária, Geografia Urbana são especializações, se tornam um problema quando se tornam fragmentação, porque aí a Geografia de Gênero fica olhando para seu umbigo, a Geografia Étnica fica olhando para seu umbigo e as ruas mostram que não há umbigo. As ruas dos Estados Unidos, depois do assassinato do George Floyd, demonstraram isso; na rua brancos, negros, mulheres, homens, mulheres brancas, mulheres negras, todos na rua. A especialização amplia a nossa capacidade de questionamento da sociedade. A fragmentação neutraliza o poder deste questionamento. As Geografias Necessárias surgiram, outras necessárias vão surgindo, mas assim como precisamos corrigir na década de 1970, 1980, 1990, aquilo de que “só fazemos marxismo, mas não Geografia” e com dificuldade, ainda hoje, estamos tentando resolver isso. Fazer mais Filosofia do que Geografia, é preciso, justamente que agora, o que antes era uma fragmentação gerou uma pulverização comece a se tornar tema da nossa seríssima preocupação porque surgiram geografias necessárias, mas através da fragmentação e não da especialização, com isso é a consciência que se está pulverizando, principalmente a consciência política e ideológica e com consciência pulverizada não há consciência; com ideologia pulverizada não há ideologia; com consciência ideológica pulverizada não há como a ciência se instrumentar a ação política e ideológica contundente.

Galera, me desculpem, eu tinha acertado com o Uliane e o Bruno de realizar uma exposição de trinta a quarenta minutos e levei já uns cinquenta minutos, mas espero que eu tenha trago elementos suficientes para o nosso debate agora. Muito obrigado.

Notas:

¹ Transcritor e Mestrando no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEO-UFU).

² Revisor e Professor Dr. da Universidade Federal de Catalão (IGEO – UFCAT).